



QUANTO CUSTA A VALE PARA OS KRENAK DO RIO DOCE? PRIMEIRAS REFLEXÕES

Júlia Araújo Carvalho

RESUMO

Vivenciar criticamente a contemporaneidade dentre outras possibilidades é também atentar-se as manobras e interesses políticos que impulsionam a gestão nacional, partindo do pressuposto de que todo ato é político e mesmo que movido por interesses pessoais, todo comando dos gestores da nação é dotado de interesse e planejamento próprio. Pensando nisso e compreendendo que a mineração tem na história da nação função chave na compreensão das expectativas de desenvolvimento e interesses envolvidos no processo, nos dedicaremos aqui a apresentar elementos introdutórios para um questionamento que tem se feito presente no cotidiano desde o rompimento da barragem do Fundão no ano de 2015, “quais os impactos da mineração no SER e EXISTIR dos povos originários do Brasil?”. Na busca pela construção de uma resposta para tal questionamento, nos utilizamos de um denso resgate e análise documental, de modo a potencializar a quantidade de elementos que auxiliem tal debate. Vale ainda ressaltar que, o trabalho a seguir compõe o plano de disseminação de conhecimentos produzidos a partir de projeto de iniciação científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) e já se materializou por meio do trabalho monográfico apresentado para obtenção de grau de bacharel sob título “Território e Trajetória Krenak - O olhar geográfico de uma disputa de narrativas”.

Palavras-chave: Mineração; Povo Krenak; Povos originários; política estatal brasileira.

HOW MUCH DOES IT COST FOR KRENAK DO RIO DOCE? FIRST REFLECTIONS

ABSTRACT

To experience critically the contemporaneity among other possibilities is also to consider the maneuvers and political interests that drive national management, assuming

that every act is political and even if moved by personal interests, all command of the nation's managers is endowed with interest and own planning. Thinking about it and understanding that mining has a key role in the history of the nation in understanding the expectations of development and interests involved in the process, we will dedicate ourselves here to present introductory elements for a question that has been present in daily life since the Fundão dam broke in 2015, "what are the impacts of mining on THE SER and EXIST of the peoples originating in Brazil?". In the search for the construction of an answer to such questioning, we used a dense rescue and documentary analysis, to potentiate the number of elements that help such debate. It is also worth mentioning that the following work composes the plan for dissemination of knowledge produced from a scientific initiation project funded by the Research Support Foundation (FAPESP) and has already materialized through the monographic work presented to obtain a bachelor's degree under the title "Krenak Territory and Trajectory - The geographical look of a narrative dispute".

Keywords: Mining; Krenak people; Originating peoples; Brazilian state policy.

¿CUÁNTO CUESTA KRENAK DO RIO DOCE? PRIMERAS REFLEXIONES

RESUMEN

Experimentar críticamente la contemporaneidad entre otras posibilidades es también tener en cuenta las maniobras e intereses políticos que impulsan la gestión nacional, asumiendo que todo acto es político y aunque se mueva por intereses personales, todo mando de los gestores de la nación está dotado de interés y planificación propia. Pensar en ello y entender que la minería tiene en la historia de la nación un papel clave en la comprensión de las expectativas de desarrollo y los intereses envueltos en el proceso, nos dedicaremos aquí a presentar elementos introductorios para una pregunta que ha estado presente en la vida cotidiana desde la ruptura de la represa de Fundão en 2015, "¿cuáles son los impactos de la minería en SER y EXISTIR de los pueblos originarios de Brasil?". En la búsqueda de la construcción de una respuesta a tal cuestionamiento, utilizamos un denso rescate y análisis documental, con el fin de potenciar la cantidad de elementos que ayudan a dicho debate. Cabe mencionar también que el siguiente trabajo conforma el plan de difusión del conocimiento producido a partir de un proyecto de iniciación científica financiado por la Fundación de Apoyo a la Investigación (FAPESP) y ya se materializó a través del trabajo monográfico presentado para obtener una licenciatura bajo el título "Territorio y Trayectoria de Krenak - La mirada geográfica de una disputa narrativa".

Palabras-clave: Minería; Pueblo Krenak; Pueblos originarios; Política de Estado brasileña.

INTRODUÇÃO

O que se apresentará a seguir é uma revisão bibliográfica acerca da atuação da companhia VALE de mineração e os impactos sobre a vida do Povo Krenak, bem como uma breve reflexão acerca do cenário atual da legislação mineradora no país e os reflexos sobre o modo de viver dos povos tradicionais.

A partir de uma pesquisa em plataformas de busca específicas com o uso do termo “Krenak” como filtro de busca, identificamos um total de 60 publicações, sendo a maioria destas concentradas nas áreas de saúde coletiva e linguística. Além disso também observamos que as publicações se encontram concentradas em períodos específicos, podendo eles ser classificados em dois: os anos de 1989, 1990 e 1991, anos imediatamente posteriores à promulgação da Constituição Federal vigente em nosso país, ocasião em que Ailton Krenak liderou um ato de denúncia, junto a tantas de outras lideranças indígenas e; os anos de 2015, 2016, 2017 e 2018, anos imediatamente posteriores ao rompimento da Barragem de Fundão, no município de Mariana – MG que, afetou diretamente o povo Krenak (BDTD, 2020; CAPES, 2020).

OS KRENAK

O povo Krenak se autointitula como povo caçador-coletor, com fortes relações com “Watu”, pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê. Eram chamados de Aimoré pelos Tupi e de Botocudo pelos portugueses. No século XVII, autodenominavam-se Grén ou Krén. Atualmente identificam-se como Borun (essência do ser). Para a sociedade brasileira eles são os Krenak, últimos sobreviventes dos Botocudos (PARAISO 1998, SILVA, 2009; TOME e CAMPOREZ, 2017).

São reconhecidos como donos de um histórico pós-contato, repleto de atos de resistência ao processo violento e contínuo de tentativas de desterritorialização e sua dizimação realizada pelo Estado e frentes “pioneiras”, desde o período colonial, quando no início do século XIX, D. João VI, declarou 'guerra ofensiva' a todos aqueles que não cooperassem com o processo de colonização (SILVA, 2009; OLIVEIRA, 1998).

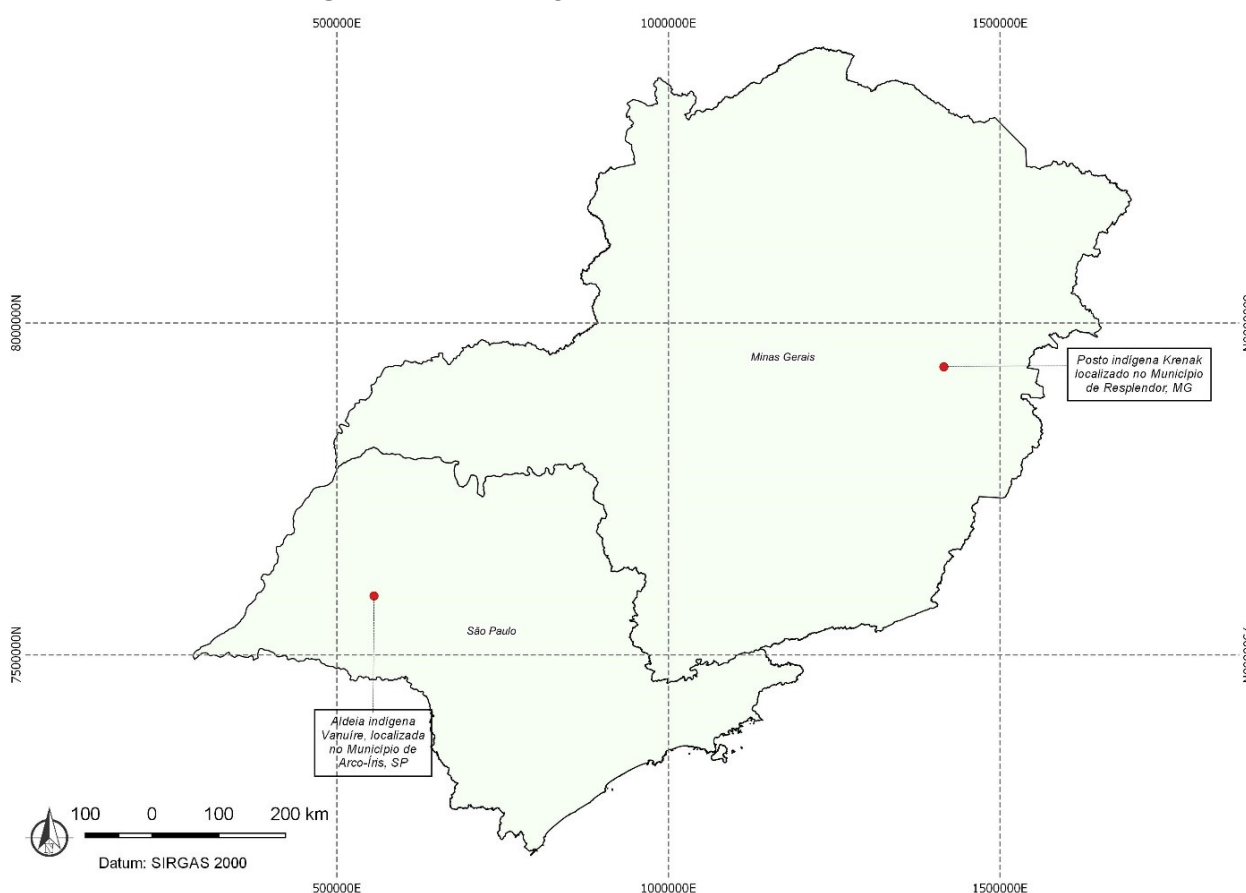
Além disso, as tentativas de catequização e 'pacificação' da etnia Krenak constituíram-se em mais uma etapa, uma continuação da 'guerra ofensiva', onde estes (os Krenak), eram pressionados e induzidos a desocupar as margens do Rio Doce, no Estado de Minas Gerais, de modo a abrir espaço para o crescimento econômico regional por meio do avanço da pecuária sobre tal Território, juntamente com o avanço da

atividade mineradora. Assim, os Krenak se tornaram alvos de uma ofensiva estatal em prol do avanço nacional, com a construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, no final do Século XIX e início do XX (SILVA, 2009).

Segundo a Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), 2013, o grupo liderado pelos Krenak foi o último a negociar com as autoridades governamentais seu processo de 'pacificação' e 'civilização', ocorrido logo no início dos trabalhos do recém-inaugurado Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1911, logo que firmaram acordo com o SPI, os Krenak foram agrupados, por este órgão, em uma área próxima ao Município de Resplendor, região leste de Minas Gerais, na Aldeia Guido Marliére.

Em decorrência do histórico de dispersões, os Krenak estão presentes em diferentes áreas indígenas. Porém, um dos grupos mais importantes está na T.I Vanuíre (território focal de nossa pesquisa), em Arco Íris, SP. Área muito distante das de origem (Figura 1), onde coabitam com os Kaingang e outras etnias em menor proporção (PARAISO, 1998).

Figura 1: Área de origem dos Krenak e T.I Vanuíre



Adaptado de: Silva (2009).

A Figura 1 apresenta o deslocamento dos Krenak que saíram do Município de Resplendor em Minas Gerais, área onde foram alocados pelo SPI indo para a Terra Indígena Índia Vanuïre no Município de Arco Iris no Estado de São Paulo. Tal figura demonstra muito mais do que o deslocamento humano de um grupo étnico, mas o deslocamento de uma cultura e de seus valores. Sobre o deslocamento dos Krenak para Vanuïre, Silva (2009), identifica que a relação entre estes sujeitos e seu Território se deu no campo da memória e da imaginação.

Embora o vínculo com o território seja profundo, a identidade de um grupo se manifesta além dos limites territoriais antes estabelecidos. A vinda dos índios para o Terra Indígena Vanuïre, não foi capaz de apagar o sentimento de pertença étnica. A identidade étnica que os define como índios Krenak não pode ser pensada como uma essência ou substância; ela é construída e reconstruída frente a um contexto (SILVA, 2009, p. 14).

O desenvolvimento desta pesquisa tem apontado para o fato de que sim, a relação dos Krenak com Watuse dá no âmbito da memória e imaginação, mas o Território de Vanuïre, muito embora não seja originalmente Krenak, atualmente também se caracteriza Território Krenak. As tentativas estatais de distanciamento dos sujeitos com suas bases culturais e Território original, não foram capazes de efetivar a desterritorialização dos mesmos e, o movimento de se fixar distante fisicamente das águas sagradas do Rio Doce, deu origem a um processo diferente de territorialização, onde o vínculo sagrado com o Território permanece intacto, mas as relações e afetividades estabelecidas durante o processo de resistência passam a compor a compreensão de Território.

Sendo assim, não se trata de um povo fixado distante de seu Território, mas um povo que, durante o processo histórico de lutas e resistências, tornou seu Território mais complexo, sendo composto então pela junção de seu Território original e seus Territórios de resistência, fenômeno esse verificável tanto na materialidade quanto na imaterialidade (Figura 2).

Figura 2: Dança tradicional executada pelos pequenos Krenak



Fonte: Acervo pessoal (2016).

A Figura 2, ilustra uma expressão cultural que se mantém, sendo a dança uma representação material e imaterial ao mesmo tempo. Embora o solo, as condições climáticas e mesmo o rio, não apresentem as mesmas características tidas em seu Território original, Vanuíre, proporciona que os seus construam diariamente sua identidade, enquanto donos da terra, haja visto que, devido à uma série de acontecimentos históricos, atualmente pertencem à uma etnia em Território descontínuo. O afeto e a sintonia com a natureza se tornaram mais complexos, no qual o ‘estar’ fisicamente não determina o ‘ser’.

A constituição do Território Krenak não está acabada, visto que em cada ponto de resistência, ainda existem atritos que geram novos movimentos de resistência, proporcionando a expansão do Território já anexado e a retomada legal de parcelas do Território original que, durante o processo foram privatizadas.

A partir deste momento, será apresentada uma breve síntese das pautas vivenciadas pelos Krenak que vivem na Terra Indígena Krenak e na Terra Indígena Índia Vanuíre, na busca por coletivamente aproximar-se da real dimensão acerca do debate territorial para os Krenak na atualidade.

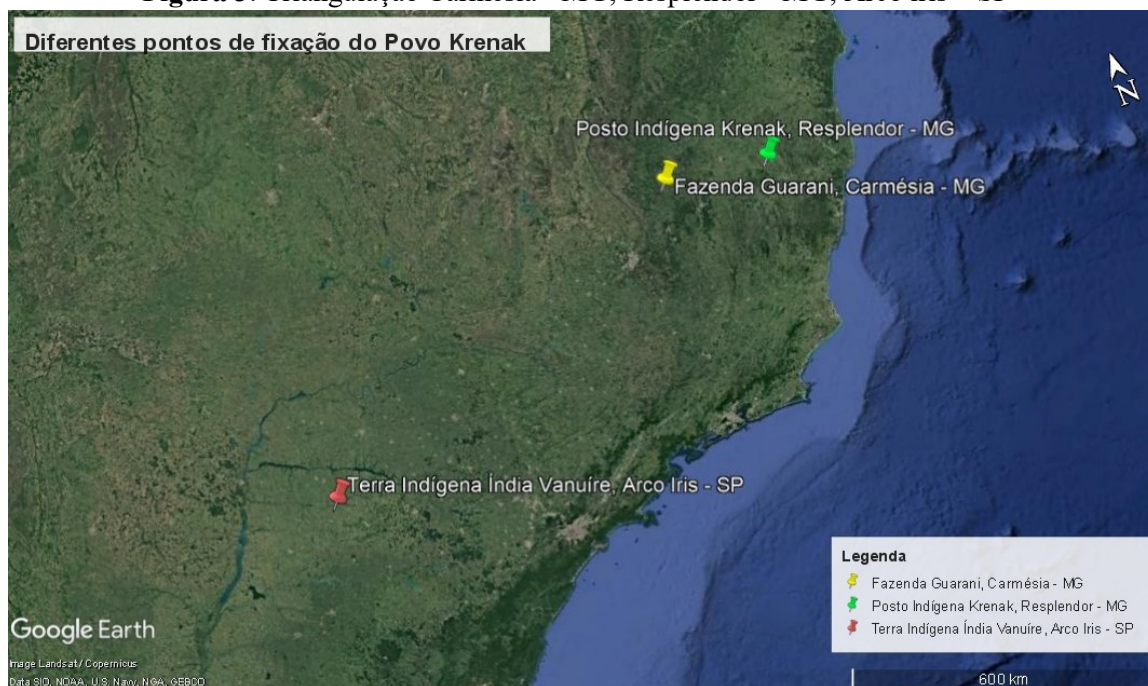
O Povo Krenak na Terra Indígena Índia Vanuïre, Arco Iris – SP

Os Krenak que se encontram na Terra Indígena Vanuïre, lidam com uma situação igualmente complexa. Distantes de “Watu”, os primeiros chegam no ano de 1956, período imediatamente posterior a descoberta de uma mina de mica no centro das terras de Resplendor, o que gerou tumultos e processos jurídicos pela reversão da doação das terras, ambos encaminhados sob a liderança do capitão-reformado do exército brasileira Arlindo (PARAISO, 1989).

Posteriormente, já no contexto do período ditatorial, os Krenak passam a eleger Vanuïre como uma opção possível, frente ao deslocamento compulsório para a Fazenda Guarani, local onde viviam com etnias rivais e que não oferecia nenhuma condição de subsistência e manutenção cultural, sendo assim, a partir de 1973, Vanuïre passa oficialmente a ser o destino daqueles que não queriam permanecer no Município de Carmésia, mas não tinham condições ou mesmo não sabiam que era possível retornar para Resplendor (PARAISO, 1989).

Tais dados apontam para um processo intenso e contínuo de deslocamentos forçados deste povo ao longo da história da nação, conhecida atualmente como Brasil, como evidencia a (Figura 3).

Figura 3: Triangulação Carmésia - MG, Resplendor - MG, Arco íris – SP



Fonte: A autora (2020).

A Figura 3 apresenta o ponto de partida dos Krenak em Minas Gerais, em direção à Terra Indígena Índia Vanuíre em três diferentes momentos históricos.

O primeiro momento referente às constantes pressões para que os Krenak perdessem o direito as suas terras, devido a descoberta de uma grande mina de mica, onde alguns saíram em direção à Vanuíre, cerca de oitocentos quilômetros de distância de seu território original. O segundo momento demarcado pelo deslocamento compulsório do grupo para o Município de Carmésia – MG, distante em cerca de trezentos quilômetros de seu território original e sem condições de manter suas práticas culturais. O terceiro momento imediatamente após tal deslocamento compulsório, onde parte do povo Krenak deixa o Município de Carmésia em direção a Vanuíre.

Vanuíre, constitui-se em um território originalmente Kaingang e extremamente reduzido de 708,9304 ha. Vivem em uma área envolta pela cultura de cana-de-açúcar e algumas roças de amendoim, todas tratadas com fertilizantes químicos e inseticidas (CARVALHO, 2019).

Devido ao restrito território as fragilidades derivadas das culturas realizadas nas áreas de entorno, encontram-se impossibilitados de caçar e coletar frutos, estando fragilizados e expostos a violências e retiradas de direitos por parte do Estado e dos proprietários de terra das redondezas que, por vezes, já os utilizaram como força de trabalho em períodos específicos de suas produções. Apesar disto, seguem realizando suas práticas e manifestações culturais na medida do possível, resistindo e perpetuando a cultura (CARVALHO, 2019).

A organização da Terra Indígena Índia Vanuíre é composta por duas lideranças, sendo um cacique pertencente a etnia Krenak e, o outro vice-cacique, pertencente a etnia Kaingang. Tal arranjo político, explicita a expressividade da presença dos Krenak dentro do território de Vanuíre.

Em oportunidades de visitas à comunidade, durante a realização da disciplina de Antropologia com alunos do primeiro ano de geografia da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” nos anos de 2016 e 2017, permitiram-nos constatar que, os Krenak, assim como boa parte dos grupos étnicos originários, tem sua identidade indígena questionada, devido a adoção de religiosidade Abraâmica protestante neopentecostal por grande parcela do povo Krenak ali presente.

Por fim, tem se observado um grande esforço dos mais velhos levarem os jovens e crianças para visitarem o Terra Indígena Krenak, na tentativa de que esses conheçam o Rio Doce, enquanto este ainda consegue seguir minimamente vivo e, que estes também se lembrem do motivo de seu povo permanecer em luta.

O Povo Krenak na Terra Indígena Krenak, Resplendor – MG

Ao longo de sua história de resistências, os Krenak foram retirados de sua área original em benefício das classes dominantes locais (mineração e pecuária). Contam com um Território demarcado de 4.000ha, uma pequena porção de seu Território original que, até novembro de 2015, ocasião do rompimento da Barragem do Fundão, no Município de Mariana – MG, conseguiam manter suas práticas tradicionais, relacionando-se com as águas sagradas no cotidiano, utilizadas para consumo, banho, lazer, transporte, lavagem de roupas e recipientes, uso cerimonial e ritualístico, além da pesca (TOME; CAMPOREZ, 2017; CORREA, 2016).

Atualmente encontram-se em profundo adoecimento psíquico e orgânico. Além da impossibilidade de manter a relação anteriormente existente com as águas do Rio Doce e passando a depender do abastecimento de caminhões pipa e carregamentos de água mineral, o povo Krenak também foi prejudicado no que diz respeito a caça que morre após consumir a “água” (lama contaminada); no que diz respeito ao artesanato, uma vez que as sementes apodrecem em contato com a água contaminada e os pássaros já não visitam as árvores, tornando ainda mais difícil o repovoamento das mesmas em áreas não afetadas. No âmbito da saúde, a partir do rompimento da barragem, o número de doenças infectocontagiosas disparou, sobretudo no que diz respeito às doenças de pele, do trato digestivo e doenças derivadas do acúmulo água em recipientes de plástico como a dengue (TOME; CAMPOREZ, 2017; CORREA, 2016).

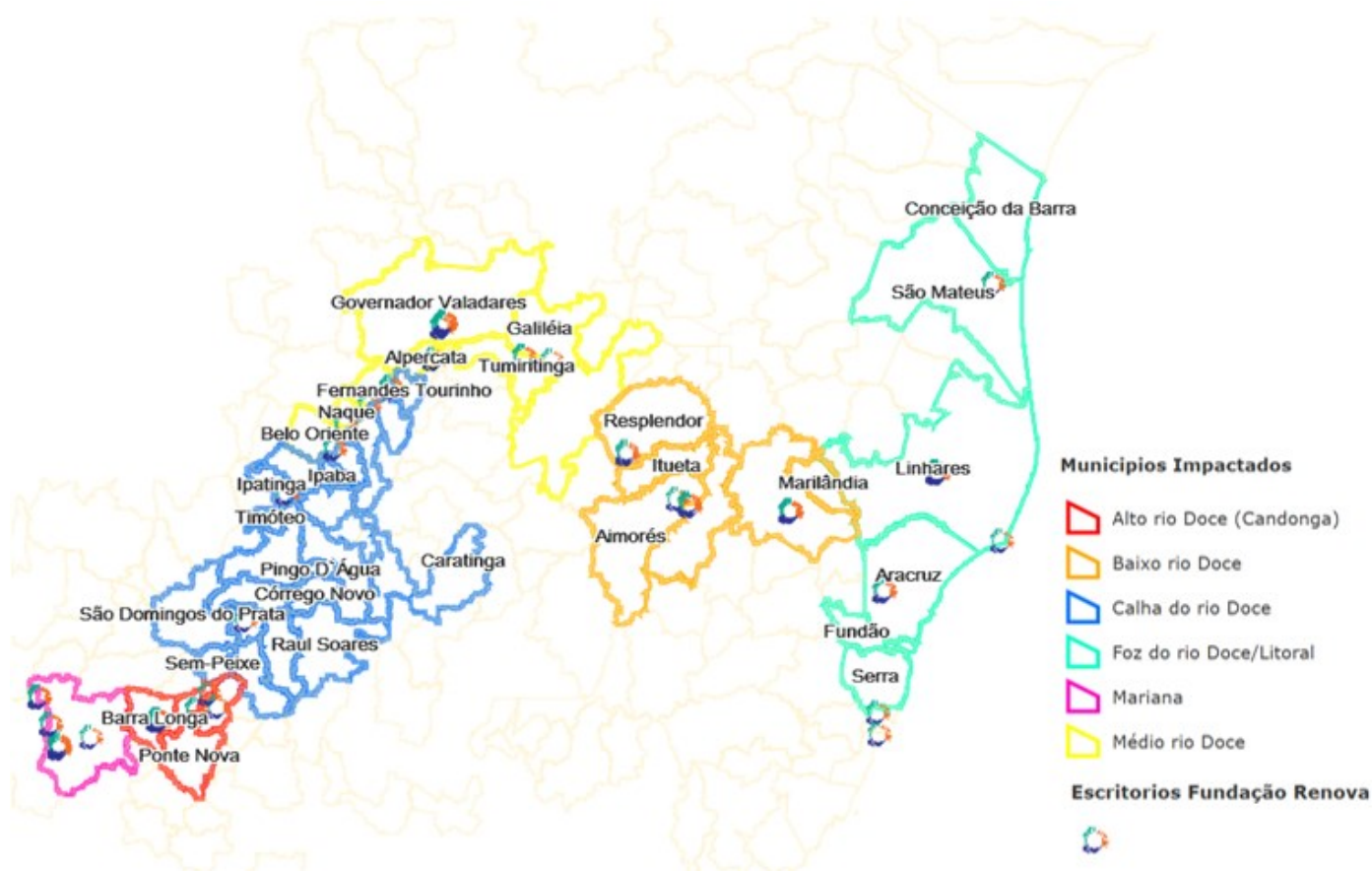
Cabe ainda pontuar que, os trabalhos de ressarcimento aos atingidos pelos rompimentos de barragem foram assumidos pela Fundação Renova, coordenada pela própria empresa responsável pelo crime ambiental. Como medidas de ressarcimento foram construídas casas de alvenaria que não respeitam a singularidade cultural do povo Krenak, foram doadas seis cabeças de gado por pessoa, sem se quer pensar em que água este gado consumiria e foi estabelecido um sistema de fornecimento de água mineral sem planejamento do descarte destas garrafas plásticas. A soma destes elementos afasta

os Krenak da possibilidade de manutenção cultural, impossibilitando-os de materializar sua cultura e identidade e negando sua compreensão de mundo (TOME; CAMPOREZ, 2017; GUERRA, 2016; VALE, 2016).

Quando buscado na rede de transparência “Arquivos e Relatórios” do portal da Fundação Renova, não foi obtido nenhum resultado relacionado as seguintes palavras-chave: indígenas, Krenak, Resplendor e, índios.

Enquanto, ao buscarmos pelo ‘Mapa de Atuação da Fundação Renova’, contido na mesma plataforma, observamos que o Município de Resplendor – MG, não só faz parte do Programa de atuação do Baixo Rio Doce, como também conta com um escritório da empresa na sede do município (**Figura 4**) (RENOVA, 2020).

Figura 4: Mapa de Atuação da Fundação Renova



Fonte: RENOVA (2020).

Tais desencontros de informações identificados dentro da mesma plataforma digital, nos indicam um possível processo de ocultação das ações contidas e executadas

através dos projetos da empresa em questão, evidenciando assim, a necessidade de maiores buscas em torno da questão, assim como buscas específicas dentro da plataforma de modo a reunir o máximo de material correlacionado.

Outra pauta urgente para os Krenak de Resplendor é a recuperação do Território Sagrado dos Sete Salões e a anistia coletiva do povo. Tais elementos passam a compor a luta do povo Krenak a partir da década de 1970, durante o período colonial quando os Krenak foram forçados a deslocarem-se para a Fazenda Guarani no Município de Carmésia, distante em mais de trezentos quilômetros das águas de Watu (GUERRA, 2016; CORREA, 2016; CORREA, 2000).

Nesse período, no Município de Resplendor foi instalado o Reformatório Krenak, uma cadeia para onde eram levados em detenção sem julgamento prévio, indígenas de diferentes etnias e lá, eram expostos a trabalho forçado e mesmo sessões de tortura. Para aqueles que permaneceram em Resplendor, o controle era extremo, qualquer atividade não reportada previamente, mesmo o consumo de bebidas alcoólicas por parte daqueles que ali viviam, era considerada contravenção e estes eram presos por vadiagem. Outro ponto a se considerar está na instauração da Guarda Rural Indígena que, era um policiamento de repressão executada por indígenas, fato que em si já demarca uma grande violação as diferentes culturas indígenas do Brasil (GUERRA, 2016; CORREA, 2016; CORREA, 2000).

O período ditatorial no Brasil encerrou-se e, com ele, as atividades do Reformatório Krenak, mas os impactos de sua existência seguem até hoje. Aqueles presos durante o período não receberam anistia estatal; o fato de que aqueles que foram mortos e não puderam passar pelo rito fúnebre, não permite que seus descendentes passem por tal rito, impossibilitando o fim do ciclo de vida de todas as gerações futuras e, por fim, no processo de demarcação oficial das terras Krenak, o Território Sagrado dos Sete Salões não foi incorporado, não possibilitando o acesso dos Krenak a seu espaço de orações e refúgio espiritual (GUERRA, 2016; CORREA, 2016; CORREA, 2000).

Sobre o Território Sagrado dos Sete Salões, Lidianne, uma mulher Krenak que vive em Vanuíre, durante aula aberta no ano de 2017, ressaltou a importância do lugar para seu povo. Uma estrutura rochosa, composta por sete salões cavernosos e cortada pelo Rio Doce, é tida como local de refúgio espiritual, de reconexão com a Natureza,

onde cada um de seus salões contém gravuras, pinturas rupestres, e registros escritos do período ditatorial e situações vivenciadas no Reformatório Krenak. Lidiane relata que a medida que se adentram os salões, as dificuldades de percurso aumentam, mas que atingir o sétimo salão é também atingir a espiritualidade, sendo então um esforço compensatório.

Os problemas derivados do período ditatorial ainda correm em justiça, por meio do Pedido de Anistia Coletiva¹ gerado pelo Ministério Público no ano de 2015 (GUERRA, 2016; CORREA, 2016).

Quanto custa a vale para os povos do Rio Doce?

O interesse pelas reservas minerais no Brasil surge muito antes da Vale do Rio Doce. Basta retomar o fato de que, desde as primeiras “Cartas à Coroa Portuguesa” a busca por pedras e metais preciosos se faz presente nos documentos ainda no século XVI (OLIVEIRA, 1998).

Em 1697 é encontrada a primeira jazida de ouro em Taubaté. Tal descoberta foi relevante o bastante para alterar toda a lógica de fluxo migratório Colônia X Metrópole, além é claro de modificar o fluxo de migração compulsória de força de trabalho, quando não só o comércio de pessoas escravizadas cresceu e valorou-se como o direcionamento laboral destes também se alterou, deixando de ser voltado para as zonas interioranas e, passando a interiorizar-se para atender a demanda por força-de-trabalho para exploração das minas (VALE, 2012; MUSEU VALE, s.d).

As principais reservas minerais identificadas estavam na área hoje compreendida pelo estado de Minas Gerais. A exploração destas minas foi tão intensa que, se fez necessária a criação de um sistema logístico para escoamento da produção aurífera do estado (VALE, 2012).

A criação destes sistemas de logística afeta diretamente as comunidades já fixadas nas áreas por onde vem a se delinear o traçado das ferrovias inicialmente e posteriormente rodovias. No caso do Vale do Rio Doce, a construção da malha férrea inicia-se em 1902, com a construção da Estrada de Ferro Vitória Minas (ESVM), onde

¹Extingue coletivamente os efeitos penais (principais e secundários) daqueles criminalizados em decorrência de manifestarem se culturalmente durante o período ditatorial. Refere-se a Nota Técnica nº 03/2017.

buscava-se inicialmente garantir o escoamento da produção cafeeira do Vale do Rio Doce para região portuária do Estado de Espírito Santo (VALE, 2012; MUSEU VALE, s.d).

Posteriormente, em 1908, seu intuito modificou-se para também atender o escoamento da produção exploradora dos minérios de ferro recém-descobertos da região de Itabira, resultando no aumento do traçado férreo que, foi de um traçado inicial de trinta quilômetros e três paradas em 1904 para seiscentos e sessenta e quatro quilômetros e trinta paradas em 1994 (VALE, 2012; MUSEU VALE, s.d).

A exploração mineradora em Território nacional é posterior ao ciclo do ouro. Toma forma em 1907 quando cria-se o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGMB). Quase imediatamente após sua criação, identifica-se a grande reserva de Hematita no Município de Itabira – MG, do Tupi pedra (ita) que brilha (bira) e a exploração econômica da mesma é automaticamente visada a ponto de alterar o traçado férreo, como anteriormente apresentado (VALE, 2012).

No ano de 1909 funda-se o Sindicato Brasileiro da Hematita (Brazilian Hematite Syndicate). O surgimento do Sindicato Brasileiro da Hematita é um marco importante para a compreensão das políticas estatais de desterro do Povo Krenak, devido aos interesses econômicos das elites locais dominantes. Isso porque a descoberta das reservas minerais, atraiu os interesses comerciais de exploração da região e encontrou nos povos originários um obstáculo à industrialização e ao avanço da economia nacional (VALE, 2012; MUSEU VALE, s.d).

Dois anos mais tarde, sem ter adquirido o direito de exploração e comércio, o Sindicato Brasileiro da Hematita é integralmente adquirido pelo estadunidense Persival Farquhar, tornando-se a Itabira Iron Ore Co. Em 1920, Persival Farquhar consegue a concessão de atividade para a Itabira Iron Ore Co. pelo então Presidente Epitácio Pessoa, pelo documento que ficou conhecido como ‘Contrato de Itabira’ e começa então a investir na expansão e eletrificação do traçado férreo (VALE, 2012).

É sabido que investimentos em infraestrutura básica como é o caso do investimento em expansão das linhas férreas, demanda uma série de outras estruturas e logísticas, tais quais a necessidade da criação de alojamentos para os trabalhadores e estruturas comerciais para satisfação das necessidades destes, sendo assim, este tipo de

investimento auxilia no surgimento de Vilas que podem ou não se tornar Municípios (ISTOÉ 200?).

É o caso do Município de Resplendor que tem sua história de povoamento inicialmente atrelada a relação entre os Aimorés (do tupi, gente da mata) e o francês Guido Marlière no final do século XIX. Em 1910, a região já repassada aos agricultores da região passou a ser atendida pela ESVM, onde o surgimento de dois entrepostos² (Crenaque e Resplendor) foi responsável por impulsionar a economia e o aumento populacional de modo tal que, Resplendor surge como distrito pertencente ao Município de Caratinga – MG em 1911 e se emancipa em 1938 (COELHO, 2009).

Atentamos aqui que, neste processo, não se questionam os impactos de tais empreendimentos na realidade daqueles que já estão fixos em seus Territórios, Territórios estes que vem a ser cortados por tais empreendimentos, neste caso especificamente, os impactos na realidade dos grupos originários da região (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, (a) (b), s.d.).

Dizemos então que, embora o entreposto ‘Estação Crenaque’ tenha sido inaugurado em 1926, a interferência do empreendimento na relação dos Krenak com seu Território e natureza é anterior, podendo ser relacionada desde seu planejamento. Percival Farquhar não obteve sucesso, devido a entraves criados pelo então governador de Minas Gerais, de modo tal que a produção só começasse a escoar de fato, após 1º de junho de 1942 quando Getúlio Vargas encampa as reservas de ferro que pertenciam a Persival Farquhar e cria com elas, em junho de 1942 a empresa estatal de capital misto “Companhia Vale do Rio Doce”, companhia que assume o compromisso de fornecer minério de ferro para os Estados Unidos da América do Norte e Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, compromisso este firmado por meio dos Acordos de Washington (VALE, 2012; ISTOÉ, 200?; ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, (a), s.d).

Sobre a criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), a Fundação Getúlio Vargas (s.p) discorre que:

Parte de um projeto de desenvolvimento econômico mais amplo que visava à industrialização do país, o surgimento da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) se relaciona com o da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

²Entre postos, estrutura estrategicamente localizada, instalada para armazenar produtos e/ou ferramentas (VALE, 2012).

Assim como a CSN, a CVRD continuou se fortalecendo ao longo dos anos. Na década de 1950, consolidou sua posição no mercado mundial. Nas duas décadas seguintes, houve uma diversificação considerável de suas atividades, que passaram a incluir a construção e exploração do porto de Tubarão, próximo a Vitória (ES).

Foi em 1961 que Eliezer Batista, então Presidente da Companhia Vale do Rio Doce, tornou-a internacionalmente conhecida, firmando contratos de fornecimento de minério para as indústrias japonesas, a partir de uma logística de transporte baseada na integração ferroviária da produção ao Porto de Tubarão – ES (inaugurado em 1966), a região torna-se referência internacional no beneficiamento de minério e aço (**Figura 5**) (FGV, 2017; VALE, 2012).

Figura 5: Relação entre as siderúrgicas e a malha férrea



Fonte: ISTOÉ (200?)

A Figura 5, ilustra a forte correlação entre a malha ferroviária e as indústrias siderúrgicas entre 1941 e 1964. É possível observar ainda que, o Estado de Minas Gerais consolidou-se como importante produtor e exportador de minério de ferro e o Vale do Rio Doce que, já fora importante produtor de café, agora também é trecho essencial para garantir a econômica logística de escoamento da produção (ISTOÉ, 2007).

Atualmente sabemos que a hidrografia local também fora utilizada para lavagem dos minérios extraídos na área, importante informação para entendermos o porquê de em 2015, o rompimento da Barragem de Fundão, localizada em Bento Rodrigues (distrito do Município de Mariana – MG), embora estivesse distante em cerca de quatrocentos quilômetros por água do Município de Resplendor, tenha tanto afetado esse município. Atualmente, os impactos causados não foram sanados e as indenizações não foram totalmente pagas, ainda assim a Samarco/Vale recebeu no fim do ano passado, liberação para reiniciar suas atividades em Mariana (AGENCIA, 2019).

Em 2009, anos antes dos rompimentos das barragens da Vale, o seguinte excerto é apresentado em relação aos interesses econômicos e o Povo Krenak:

Durante trezentos anos, a região leste do Estado de Minas Gerais não podia ser devassada. A Coroa portuguesa impedia a passagem direta da região das minas até o litoral, para evitar o contrabando de ouro e diamantes. Criou-se, assim, o chamado "sertão do leste". Com o esgotamento das minas, no fim do século XVIII, tornou-se indispensável derrubar e explorar a Mata Atlântica e exterminar os chamados índios "botocudos", que enfrentavam os colonizadores. Houve, portanto, o genocídio dos índios. Atualmente, as comunidades indígenas estão renascendo e se fortalecendo, exigem respeito pela sua identidade étnica e o atendimento de suas necessidades (COELHO, 2009).

O trecho reafirma que desde o Brasil colônia, os interesses econômicos das elites dominantes se sobrepujam aos interesses das 'minorias', principalmente se estas se referirem à Povos originários ou Povos escravizados (OLIVEIRA, 1998).

Em contraposição a tal lógica de exploração desmedida da natureza e sua energia vital, chamada pelos detentores do capital de recurso natural, temos a compreensão dos Krenak, representada pelo autor expoente Ailton Krenak:

Está tudo parado. Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o Rio Doce, perguntaram minha opinião. Eu respondi: "A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática.

Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros da margem direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida". Então um deles me disse, "Mas isso é impossível, o mundo não pode parar". E o mundo parou. [...] basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo (KRENAK, 2020, s.p).

Essa compreensão tira do foco o avanço tecnológico em nome da produção de capital para poucos e, coloca a natureza e seu equilíbrio no centro da questão acerca da manutenção da vida da espécie humana, indicando que quando a natureza atinge um limite, como aconteceu com o parente Rio Doce, ou a humanidade estabelece parâmetros para o restabelecimento do equilíbrio natural, ou a natureza em sua sabedoria, encontrará uma maneira de forçar uma pausa para reestabelecer seu equilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas reflexões, consideramos que não só a Vale, mas toda a lógica de exploração desmedida da natureza, tornando todos seus componentes em recursos, custou a vida do Rio Doce e de todas as espécies animais que nele viviam; a vida de centenas de milhares de indígenas e; a vida de parcela dos afetados pelas barragens. Custou a manutenção econômica de centenas de famílias; a manutenção das memórias, afetos e, práticas culturais de todos aqueles que dependem do rio (TOME; CAMPOREZ, 2017; GUERRA, 2016; CORREA, 2016; COELHO, 2009).

Além disso, consideramos importante ressaltar, que a VALE e todos os acontecimentos recentes não são desconexos de uma realidade contextual política do país que, só durante o ano de 2020 (em contexto de pandemia), trouxe impactos diretos à manutenção do SER e (Re)EXISTIR indígena no país por vias legais e, dentre as medidas que afetam diretamente a vivência Krenak e se correlacionam com a atividade mineradora podemos elencar sete:

- 1) A Lei 191/2020 é encaminhada para votação no Congresso Federal. Ela prevê a alteração das Leis nº6001/73 e nº7805/89, bem como os artigos nº176 e nº231 da Constituição;
- 2) É instaurada a nova lei fitossanitária 14.021/2020 que obriga a tomada de medidas de segurança antes do contato com grupos tradicionais;
- 3) Entra em debate a MP 910 que incentiva a grilagem de terras;
- 4) FUNAI publica decreto da Instrução Normativa que reafirma as reivindicações da MP910;
- 5) Aprova-se a lei 1.142/2020 com uma série de vetos que comprometem a existência dos grupos tradicionais;
- 6) Baseados na teoria do Marco Temporal tem início uma série de processos de reintegração de posse e anulamento de demarcação de terras indígenas;
- 7) Altera-se em setembro a legislação de segurança de barragens por meio da Lei 14.066/2020.

Especificamente sobre os Krenak, povo que vive em cima de uma grande reserva de mica e em contexto de impacto direto de uma série de crimes ambientais que, resultaram no rompimento da Barragem de Mariana – MG. Não somos capazes de mensurar o impacto real da aprovação de tais medidas, sobretudo da Lei 191/2020, mas olhando a história, sabemos que esta aprovação pode significar o reinício do assassinato em massa deste grupo e, de tantos outros.

Enfim, encerramos este ciclo de reflexão não com afirmações, mas com o apelo, para que você leitor (a) exercite sempre possível a análise conjuntural dos fatos e feitos cotidianos, de modo a identificar as contradições da realidade, tendo assim, elementos para ler a dinâmicas político-econômicas e os diferentes impactos causados por elas não apenas sobre o território, como à aqueles que nele se encontram.

REFERÊNCIAS

AGENCIA O Globo. Samarco recebe autorização para retomar atividades em Mariana. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-10-25/samarcorecebe-autorizacao-para-retomar-atividades-em-mariana.html>.

ANAI (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE AÇÃO INDIGENISTA), Os Krenak, 2013, disponível em <<http://www.anai.org.br>>. Acesso em 03 de fev. 2020.

BDTD, Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e teses. Busca avançada por palavras-chave. Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em 05 de out. 2020.

CAPES, Catálogo de Teses e Dissertações. Busca por palavra-chave. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 05 de out. 2020.

CARVALHO, J. A. La organización socioespacial y la representación cultural de IndiosKrenak. In: HACIA GEOGRAFÍAS DE LA INTEGRACIÓN Y LA DIVERSIDAD. Memorias del XVII Encuentro de Geógrafos de América Latina, Quito, Ecuador, 2019.

COELHO, M. A. T. Genocídio e resgate dos "Botocudo". Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 23, n. 65, p. 193 – 204, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01030142009000100014&lng=en&nrm=iso>.

CORREA, R. Reformatório Krenak. Realização: Itaú Cultural e Ministério Público Federal - Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão em Minas Gerais. 2016 (18min06). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qpx8nKVXOAo>.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Resplendor. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/resplendor.htm>. Acessado em: 03 de jan. de 2020. (A).

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Crenaque. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/crenaque.htm>. Acessado em: 03 de jan. de 2020. (B).

FUNDAÇÃO Getúlio Vargas (FGV). Criação da Companhia Vale do Rio Doce. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 2017. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/EstadoEconomia/CV> RD. Acessado em: 03 de fev. de 2020.

FUNDAÇÃO RENOVA (RENOVA). Mapa de Atuação, 2020. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/mapa-de-atuacao/>. Acessado em: 03 de fev. de 2020.

FUNDAÇÃO RENOVA (RENOVA). Arquivos e Relatórios, 2020. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/arquivos-e-relatorios/>. Acessado em: 03 de fev. de 2020.

GUERRA sem fim – Resistência e Luta do Povo Krenak. Direção: Vitor Blotta e Fabricio Bonni. Produção: MPF, Ines Prado Soares, Unnova, Vitor Blotta. Minas Gerais: UnnovaProduções, 2016. Documentário (29min40). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DfkGVfkJpAM>.

ISTOÉ. Brasil, 500 anos (Atlas Histórico). Org. Bernardo Joffly. Grupo de Comunicação Três S/A, São Paulo, SP, p.298, 200? Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/AtlasHistorico-Brasil500Anos.pdf>.

Acessado em: 03 de fev. 2020.

KRENAK, A. O amanhã não está à venda. Companhia das Letras, 2020.

MUSEU VALE. História EFVM, s.d. Disponível em: <https://archive.ph/QV41B>. Acessado em: 02 de fev. de 2020.

PARAÍSO, M.H. Os Krenak, a pacificação, o aldeamento e a luta pela terra. XIII Encontro Anual da ANPOCs. Outubro de 1989, Caxambú – MG.

PARAISO.M.H. Povos Indígenas no Brasil, Krenak, 1998, disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/krenak>>.

SILVA, D. A. Diáspora Borum: Índios Krenak no Estado de São Paulo (1937 – 2008), Assis, 2009, (Mestrado em História), UNESP.

TOME, L; CAMPORES, P. Watu Morreu. A publica, 2017. Disponível em: apublica.org/2017/watu-morreu/.

VALE. Vale – Nossa História. Editora Verso Brasil, p. 416, 2012. Disponível em: vale.com/Brasil/PT/aboutvale/news/Documents/historia70anos/Vale_Livro_Nossa_Historia.pdf.

Júlia Araújo Carvalho

Licenciada em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente, SP.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6483-1044>

Artigo recebido em 03/11/2021 e aceito em 11/11/2021